



A Verdade

PROPRIETARIO, EDITOR E ADMINISTRADOR: JOÃO PIRO DOS SANTOS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA CONDE ABRILHOS, 6 - ESPOZENDE -

N.º 35
ANO I
17
Julho
1920

11.º annuario
bem porqu'ele era o es-
pirito; mas a critica
melhor ainda porque
esclarece...

Autore de Quarta

Ex.º Sr.
Alfredo Gonçalves Pereira do Barros
Belinho

GIGANTES

Ha homens que sim-
bolizam uma epocha e são
por assim dizer a sintese
historica do tempo em que
viveram. Na pintura, na
musica, na estatuaria, nas
artes e nas sciencias, na
prosa como na poesia, no
jornalismo e na oratoria co-
mo na politica, esses ho-
mens, são inconfundiveis
na sua feição artistica ou
literaria, jornalística ou po-
litica. Morrem, mas os seus
nomes vivem sempre atra-
vez as gerações, porque
estão intimamente ligados
com as suas obras onde a
sua alma vibra e o seu ta-
lento se reflecte, em ondas
de luz, tão intensa que
nem o tempo consegue ap-
pagal-as.

Verdadeiros monopoli-
sadores da arte e do sa-
ber em um periodo deter-
minado da existencia hu-
mana, não tem pares, e
ficam na Biblia do mundo
como marcos miliarios dos
tempos e da civilização e
junto deles ou em contac-
to espiritual com a sua
memoria sentimo-nos pig-
meus, a não ser que a im-
becilidade ou a ignorancia

nos não persuada do con-
trario. E é por isso que
só houve um Richelieu—
um Bismarck—um Mar-
quez de Pombal—um Gar-
mões—um Herculano—
um Garrett—um Castilho
—um Pinheiro Chagas—
um Silveira Malthão—um
José Estevão e um Rodri-
gues Sampaio... Os que
vieram, aqui, como lá fó-
ra, no cultivo da politica,
das letras, e de jornalismo,
não os excederam e nem
o sequer os egualaram.
São tão conhecidos nas ter-
ras onde nasceram como
na pátria de que são filhos,
e ás vezes melhor ainda fó-
ra do paiz onde exerceram
a sua acção. Rodrigues
Sampaio, por exemplo, que
nasceu neste concelho, num
quasi ignorado telheiro da
freguezia de Mar, foi um dos
fundadores do jornalismo
moderno em Portugal. A
sua figura inegalavel de
combatente marca se na
Revolução de Setembro, em
camaradagem com a figu-
ra tambem inegalavel do
grande orador José Este-
vão e mais tarde no *Espe-
ctro*, isto no tempo em que

lidavam na imprensa jor-
nalistas como Teixeira de
Vasconcellos, fundador da
Gazeta de Portugal e do *Jor-
nal da Noite*—Lobo d'Avi-
la, Urbano de Castro—An-
tonio Nunes—Emidio Na-
varro e Mariano de Carva-
lho. Pois Rodrigues Sampaio
no meio de luctado-
res desta ordem, brilhou,
venceu e a sua prosa mar-
cou epocha no *jornalismo
portuguez*.

Não foi nos acançados,
estreitissimos limites da
terra onde viu pela primei-
ra vez a luz do dia, que o
modesto alumno dos fra-
des Carmelitas de Viana
do Castello aureolou o seu
nome; nem se tornou ce-
lebre por ter sido preso no
dia 1 de novembro de 1826,
quando ajudava á missa
na igreja da sua fregue-
zia de Bartholomeu do Mar,
coajunctamente com o pa-
dre que a celebrava, mar-
chando ambos no meio de
uma escolta de 21 solda-
dos de infantaria n.º 22 pa-
ra Braga, onde Rodrigues
Sampaio ficou preso até ser
depois removido para o Al-
jube do Porto, onde esteve
até 21 d'abril de 1831. O
minorista desse tempo, que
havia de ser mais tarde o
destemido redactor da *Ve-
deta da Liberdade*—o co-

nhecido Sampaio da Revo-
lução, affirmou a sua im-
vidualidade de forma tal,
que não foram precisas as
lisonjas dos seus adulado-
res, que os leve, para que
o seu nome se tornasse co-
nhecido de uma ponta a
outra do paiz.

Incansavel defensor das
ideias liberaes, Rodrigues
Sampaio, sofreu sem des-
falcimentos todos os hor-
rores que a historia des-
ses tempos regista, e, ao
sair dos Carceres, onde por
muitas vezes e por largo
espaço viveu, expiando o
nefando crime de ser um
liberal, e sempre o mesmo,
voltava a ser o que era,
isto é, um homem de um
só rosto e de uma só fé. E
assim pelos seus proprios
meritos cresceu, elevou-se
e foi das figuras mais no-
taveis do seu tempo, sem
que para isso tivesse algu-
ma vez de vexar ou meno-
scabar a dignidade alheia,
como hoje soe fazer-se
quando a ambição nos su-
gere um lugar superior que
pelo esforço pessoal não
conseguimos atingir.

V. Ex.ª fa. mal os seus digestões? Fica, de-
pois das refeições, com o estomago cheio e com
afrontamentos?
Pois tome uma a duas colheres de chá de
DIGESTINA TRIPLICE «ACTIV» no meio
de cada refeição e passará a fazer os digestões,
perfeitamente.
Pedir instruções gratis á «Sanitas»—T. do
Carmo, 1—Lisboa.

FOLHETIM

ANTIGUIDADES DE FÃO

Fão, 6 de julho de 1920.
Mio Caro

Dou recebido seu apreciadís-
simo favor que respondo, mun-
dando-o á fava em primeiro lu-
gar, em segundo dizendo que
tendo agora muito que fazer é
com grande custo que posso dar
inteiro cumprimento ao seu pe-
dido de dizer algo sobre «Anti-
guidades de Fão»; contudo co-
mo sofro bastante de insomnias,
aproveito esses momentos para
mandar algumas notas para a
«Verdade», que a luz fumaren-
ta de uma ordinaria lamparina
de ordinariissimo petroleo, está
manchando a minha virginal fi-
sionomia.

Remocho n'uma gaveta d'um

archalco armario de pinho e en-
contro uma provisão de D. Izabel
Maria, que se não nos reme-
deia em nada, consola-nos a
alma como «as saudades frias
de um bom jantar» assim dizia
um bohemio illustre, quanto re-
lembrava no sabbado seguinte o
jantar que comera no domingo,
oferecido por um amigo compa-
decido.

Variadas vezes ouço ao no-
so popular Vilella a seguinte e
conceituadissima fraze: «Para
Fão vem muitas pipas de vinho
e o tachado, só sou eu, o S. o
P. e o T., o resto das pipas quem
as bebe?». Ha muitos bebados
em Fão, mas... de portas a den-
tro, conclue o Joaquim.

É um facto. Vai prova-lo sa-
tisfatoriamente e a contento do
philosophico affaite a provisão
da infanta regente de Portugal,
a serenissima senhora D. Izabel
Maria.

Verdade é que n'esse tempo
era baratissimo, tanto assim é
que são os proprios consumido-
res que pedem o seu augmento,

assim como a da carne verde
Vivessen hoje que eu que-
ria ver?!!!

A provisão de D. Izabel Maria,
infanta regente de Portugal, que
concedeu o imposto para despojo
das arcas do logar de Fão.

«Dona Izabel Maria Infanta
Regente de Portugal e Algarves
e seus Dominios em nome d'El-
Rei—Faço saber que os mora-
dores do logar de Fão, termo de
Barcellos me representarão que
aquelle Lugar hera situado jun-
to ao Oceano na margem Esquer-
da da foz do rio Cavado que he-
ra antiquissimo, tendo trezen-
tos e cincoenta e hum fogos e
mit e quatrocentos e vinte e tres
individuos que vivião do Pesca-
rio e da mais consideravel do
Reino no alto mar, e tambem do
Comercio e que este extenso ter-
reno assas fértilissimo se achava
inutilizado pelas mesmas aréas
e eminente ruina que ameaça-
va a toda a povoação onde exis-
tião debaixo das mesmas hum
Convento de Religiosos, as ca-

sas de uma Rua, a Igreja pro-
pinqua a sofrer igual sorte, e fi-
nalmente em poucos annos abo-
lida toda a Povoação com a ru-
ina de muitas familias que serião
abandonadas á mendicidade no
que a Real Casa de Bragança
viria a sofrer consideravel per-
da, e que apesar das ruinas pre-
teritas, assim mesmo ainda ti-
nha um bom negocio activo tan-
to maritimo, como terrestre, e
elles supplicantes desconhecião
a ociosidade entregando-se ao
arduo trabalho, que se lhes of-
ferencia por cujo motivo ainda
ali se encontravão grandes e
sumptuosas casas, que seus do-
nos haviam abandonado por não
sofremem o ver as progressivas
ruinas do seu Paiz; e que annu-
do Eu Benignamente ás suppli-
cas dos Recorrentes, sem duvi-
da se atalharia o mal futuro,
concedendo-lhe o suave impo-
sto a que elles voluntariamente se
querião sujeitar de hum real em
arratel de carne e quartilho de
vinho, que ni vendesse ao pu-
blico para se aplicar para a dita



Diasantos deitou espicho
Granhá, torceu-se, puchou;
E foi tão grande o esguelho
Que nem o dono pouçou.

Chega a ser (irreverencia,
Ou então que triste anaió,
Colocar sua Ex.ª
A par Rodrigues Sampaio.

Diasantos é artista
Mas insinua á sacapa,
Que ahí qualquer sacrista
Vale tanto como o pápa.

Foi tão grande o escarceo,
Que percorreu todo o Minho,
Que o povo resolveu
Oferecer-lhe em pergaminho

Aquella artigo—A's fêras,
É um encanto, um primor,
É como os brilhantes—Bêras
Tem brilho, não tem valor.

Neiva.

ESPOSENDALÉRIAS

O sr. engenheiro Santos
Viegas, disse ao «Seculo» as
suas impressões, num artigo pu-
blicado por aquele importante
diario, acerca do porto dos Cava-
los.

Santos Viegas, que é um
profissional distintissimo, opina
que o porto de Espozende, de-
pois de convenientemente mo-
dificado, ficará sendo o melhor da
costa norte. Diz sua ex.ª que
ele «dispõe das melhores cara-
cteristicas para se tornar num
proximo futuro, uma excelente
derivante do porto de Leixões».
Assim é, O Porto não deve

obra: E visto seu requerimento
e a informação que se houve
do Corregedor da Comarca de
Barcellos, ouvindo os officiaes da
Camara e Nobreza que instão se
realise a sua supplica pela urgen-
te necessidade que tinhão da di-
ta obra. Hei por bem etc.

Reparem bem os leitores pa-
ra aquella parte grifada. Onde
viram uma população sujeitar-se
voluntariamente a um imposto
suave? Só Fão, n'esse tempo.

Faz saudades.
Hoje que comemos baratissí-
mo mercê das competencias que
nos governam, era um grande
favor da Providencia voltarmos
aquelles tempos ominosos. Ao
menos enchia-se a barriguinha
de alimentos e não de decretos
e politica.

No proximo numero:
OO BARBEIROS DE FÃO
EM 1820

